

F.F-3-20  
184  
3

BREVE MEMORIA HISTORICA

# ÁCÊRCA DA VELHA COIMBRA

ARRAZADA POR ATACES

E REMISMUNDO

e da fundação ou reedificação da actual  
Coimbra, e em que se combatem  
alguns factos concernentes  
à mesma cidade

POR

A. F. Barata



COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1861

BREVE MEMORIA HISTORICA

# ACERCA DA VELHA COIMBRA

ARRANJADA POR HENRIQUE

E REMISSUNDO

da fundação ou reedificação da actual  
Coimbra, e em que se compoem  
alguns factos concernentes  
à mesma cidade

por

J. J. B. B. B.



COIMBRA

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE

1861

*Breve memoria historica, á cerca da velha Coimbra arrazada por Ataces e Remismundo, e da fundação, ou reedificação da actual Coimbra; e em que se combatem alguns factos concernentes á mesma cidade.*

I

A primitiva historia da Peninsula, como a de todas as nações mais ou menos civilizadas da Europa, mostra-se-nos involvida sempre no maravilhoso, no mysterio, nas trevas perpetuas d'um passado de seculos, que não é dado perscrutar, ainda ao menos severo indagador da verdade.

É que o pesado véu que nol-a encobre, amortalha em si muitas gerações famosas, que nos poderam ter legado em seus escriptos o que nós debalde agora procuramos, se o espirito d'esses mysteriosos tempos fosse a verdade; se o Martyr do Calvario mais cedo nos houvera trazido com sua morte a verdadeira civilisação!

É que o manto do passado esconde em suas dobras o impossivel!

¿ Qual espirito indagador ousará seguro ultrapassar os proximos limites do passado desconhecido, com o passado que conhecemos? Certamente nenhum.

Além dos sabios escriptos, que nos legou Moisés no Pentateuco, além dos maviosos cantos de David, e das sentidas queixas do paciente Job; além dos gentilicos livros, que sob o nome de *Vedas* nos transmittiram os Indios, e dos sagrados *Kings* dos chinezes, aonde as admiraveis maximas de Confucio abrilhantam o livro de *Tao-tsee*, ou da razão primitiva; além dos indecifraveis *Quipus*, dos Americanos, que na singeleza de seus nós occultam a historia dos Incas; além d'alguns velhos *papyrus*, que houvemos da antiguidade, e d'esses livros de pedra dos Phenicios e Egypcios, aonde cada hierogliphico é representante de uma pagina brilhante d'esses grandes povos; além de tudo isto não vae o espirito humano; lá, tem o impossivel!

Se a famosa *metempsychose*, que da India passou para o Egypto, e d'elle para a Grecia, e modernamente da Grecia para a Alemanha; se essa portentosa theoria, encarnando o nosso espirito num invólucro mais ou menos intelligente, mais ou menos perfeito, nos fizesse reviver com memoria, com lembranças do passado, certo que poderamos nós saber a historia dos mais obscuros tempos da infancia do mundo. Mas, na *metempsychose* só vemos uma

gigante concepção do espirito humano; e, na parte divina, que nos anima, não ha, infelizmente, lembranças hereditarias!

Assim, tentaremos ver se demonstrámos e desinvolvemos a nossa these; embora, para nos escudar, só tenhamos que recorrer aos poucos escriptores de melhor nota, e modernamente ao seu exactissimo complexo—Alexandre Herculano. Guiados por elle, traçaremos em breve quadro as successivas dominações da Peninsula desde os mais retirados tempos; isto é, desde a dominação dos valentes Carthaginezes até á expulsão do ultimo punhado de Sarracenos, d'este glorioso solo Lusitano.

## II

Alguns escriptores portuguezes houve, que, para escreverem a historia patria, levaram suas indagações até Noé e Tubal. A historia, porém, não se póde encontrar nesses tempos despida d'hyperboles, d'inverosimilhanças e até de falsidades. É por isto que os nossos primeiros traços começaram 300 annos antes de Christo.

A Peninsula foi primeiro habitada pelos Iberos, depois pelos Celticos. Da fusão, ou mistura d'estas raças Aziaticas, sahiram as tribus Celtiberas.

Descendentes dos Celtiberos, os Luzitanos,

occuparam o territorio, que pelo norte e ponente limita o mar, e pelo sul o rio Tejo. Os seus limites orientaes não se podem marcar com precisão, crendo-se com tudo que, as raias que hoje separam Portugal da Hespanha não são as mesmas, que serviram de terminos á Luzitania.

Occupada assim por 30 tribus, que tantas eram ellas, a Luzitania<sup>1</sup>, em seu poder esteve até 300 annos antes de Christo, em que o dominio da Republica Carthagineza, (phenicios) de facto se estabeleceu na Peninsula.

Durou este Imperio, ou Republica dos Carthaginezes, 84 annos, até que Gneu-Scipião, capitaneando as forças de uma poderosa armada Romana, veio começar, em 220 antes de Christo, a guerra com os Carthaginezes, que, completamente expulsou da Hespanha, em 216, depois de 4 annos de sangrentas e porfiosas lutas.

Os Romanos, depois de uma guerra de 200 annos, dominavam a Peninsula!

Viriato, meio seculo depois, ahí por 30 da nossa era, vencida e desbaratava os exercitos Romanos de Manlio e Pisão. Havia deixado as inhospitas fragas dos Herminios para vir

<sup>1</sup> «A denominação geral, talvez proveio do nome dos Luzones (que Strabão colloca juncto das fontes do Tejo, e que talvez eram d'origem phenicia) completado pela terminação punica *tan*, vulgar na peninsula.»

190

combater Roma á frente dos indomáveis Luzitanos.

Roma tremeu! porque «... o genio militar do selvagem montanhez Viriato, tornou por alguns annos duvidosa a victoria de Roma nos territorios do occidente.»

Rijos combates se deram

Entre Luzos e Romanos!

Roma tremeu assustada...

Roma soffreu grandes damnos!

E, Viriato, na historia,

Eternizou a memoria

Dos valentes Luzitanos!

Sertorio, o famoso proscripto Romano, quiz tambem oppôr-se ao absoluto dominio dos que mais tarde foram senhores do mundo; e assim, a Luzitania, a Celtiberia, e parte da Betica, chegaram a ser dos bravos Luzitanos que capitaneava.

Quatro seculos haviam passado, depois do nascimento de Christo, e o Imperio dos Cezares entrava já no seu ultimo quartel de vida, corrompido pela devassidão.

Soára-lhe a ultima hora! Os Vandalos, Alanos e Suevos, apossavam-se da Peninsula. Por decisão da sorte, os Vandalos e Suevos occuparam a Galiza, e os Alanos assentaram na Luzitania.

Esta onda de barbaros, antes de escolher

ponto para quedar, divagou terrivel pela Península, levando ante si o terror, o espanto e a ruina de muitos homens, que partilhariam a sorte desgraçada dos que ficavam sem vida após essas hordas selvagens.

Curto dominio foi o d'estas gentes na Península.

Os Wisigodos, capitaneados por Attahulfo, dobravam os pyrinéus. Accendeu-se a guerra entre estes e os primeiros; e, passados annos, sendo Walia capitão dos Wisigodos, numa batalha dada juncto a Merida, foram os Alanos desbaratados, e morto seu Rei Ataces. Estes « *viendo-se sin cabeza, se entregaron á Gunderico Rey de los Vandalos en Galicia, confundiendo-se cõ ellos su çepto, y su nombre*<sup>1</sup>. »

Dominavam a Península os Wisigodos, quando em 714, com a invasão dos Mussulmanos, commandados por Tarik, acabou em Rodrigo a monarchia wisigothica. Estes povos dominaram a Península, sem embargo de Pelagio ter sido acclamado Rei por um pequeno trôço de Godos<sup>2</sup> nas Asturias, e, consequentemente, dominarem só em parte.

<sup>1</sup> Saavedra, Coron. Goth. pag. 41.

<sup>2</sup> « A denominação de Godos dada aos descendentes dos Wisigodos, que depois da conquista da Hespanha pelos Arabes, se recolheram ás Asturias, não é rigorosamente exacta, mas é geralmente recebida pelos historiadores da península, como a de Sarracenos e Mouros para designar os Mussulmanos. »

SR. A. HERCULANO.

O dominio dos Mouros foi um tecido de dissensões civis, para o que muito contribuiu Pelagio, o heroico fundador da primeira monarchia christã, mais tarde conhecida por Oyiedo e Leão.

Esta pequena arvore religiosa foi-se arraigando pelo territorio mourisco, que diminuia, até que, em janeiro de 1064, D. Fernando I, de Castella, abria com as lanças de suas hostes franca passagem pelas terras do occidente, acabando por libertar do poder dos Mouros a mais formosa perola da Luzitania, a pictoresca Coimbra.

Entremos na terceira parte d'este pequeno trabalho.

### III

Um monte de ruinas é só o que actualmente existe de uma das mais fortes cidades da Lusitania<sup>1</sup>.

*Conimbrica*, ou *Colimbriga*, foi fundada pelos povos *Colimbrios*, que vieram á península com os Turdulos, Gallo-Celtas e Andaluzes, 308 annos antes de Christo<sup>2</sup>.

Era esta Colimbria uma das mais fortes e inexpugnaveis cidades e praças d'armas da Lusitania.

*B. de Brito Botelho.*

“Cidade em tempo de Romanos nobilissima, e mui conhecida de sumptuosas obras.” *A. C. Gasco.*

<sup>2</sup> P. A. Carvalho, *Chorografia*.

*Conimbrica*, composta de *Colimbrios*, e da palavra celtica *briga* (logar), queria dizer em mais lato sentido — logar ou cidade dos Colimbrios.

Da grande variedade de origens, que diversos escriptores dão a Coimbra, tomamos esta, por nos parecer mais coadunavel com a bôa razão, e com os principios observados em palavras em que tambem entra a terminação celtica *briga*, sendo por isso sua origem a mesma<sup>1</sup>.

D'aqui se levanta já uma d'úvida, que tentaremos desfazer.

Muitos escriptores, referindo-se a *Conimbrica*, empregaram as designações de *Colimbria*, *Conimbria*, *Colimbrica*, *Colimbriga*, e finalmente *Conimbrica*.

D'onde provirá esta divergencia? Será por que na Luzitania existiram duas Coimbras, como quer alguém? ou por que, os que a tal respeito têm escripto, foram pouco escrupulosos, e, para designarem *Conimbrica*, empregaram nomes adulterados? É o que nos parece mais verosimil.

Em favor da nossa opinião, quer dizer, do assento que damos a *Conimbrica*,<sup>2</sup> vem o Cardeal Fr. Francisco de S. Luiz, 'num artigo publicado na *Revista Estrangeira*, em que, para

<sup>1</sup> *Cetobriga* (Setubal), *Lacobriga* (Lagos), *Merobriga* (Sant'Iago de Cacem,) etc.

<sup>2</sup> Condeixa a Velha.

192

demonstrar que a actual Coimbra foi chamada *Eminio*, e o Mondego tambem *Eminio*, quer (seguindo e confrontando os Itinerarios de Plinio e de Antonino) que *Conimbrica* fôsse *Condeixa*.

Além do parecer dos dois geographos, cita o 3.º concilio de Toledo, em que se lê o nome de *Possidonio*, bispo da igreja Eminiense: *Possidónius Eminiensis ecclesiae episcopus*: e diz, referindo-se á destruição de *Conimbrica* pelos Sñevos, e á sua mudança para o *Eminio*: «...o qual além da sua situação tão bella e amena como forte, propria para a defeza, é de crer que recebesse e acolhesse muitos dos habitantes dispersos de Coimbra, quando elles intentando restituir-se á sua patria foram achar 'nella estragos, ruinas e desolação'»

Effectivamente, nas cópias dos Itin. citados, diz-se *Conimbrica*, e *Conimbrica* se lê no que diz Idacio, *Conimbrica in pace decepta*, etc.<sup>3</sup> e, d'aqui deduz S. Luiz, que, *Conimbrica* era *Condeixa a Velha*, e *Eminio* a actual Coimbra.

Esta decisão, porém, julgamos que não se póde admittir no todo, mas sim em parte; porque parece evidente, que o cardeal S. Luiz baseou o seu artigo 'num engano, ou

<sup>1</sup> Cardeal S. Luiz, cit. art.

<sup>2</sup> *Conimbrica in pace decepta diripitur: domus destruuntur; cum aliqua parte murorum, habitatoribusque captis adque dispersis, et regio desolatur et civitas.*»

troca de distancias\*, que se vê no Itin. de Antonino. Itin. de Antonino ab Olissipone Bracaram Augustam Scalabrim Sellium Conimbricam Talabricam Langobricam Calem Bracaram

CCXLIV  
XXX  
XXXII  
XXXIII  
XXXIV  
X  
XL  
XVIII  
XIII  
XXXV

Dissemos troca de distancias, e assim é ahi  
vae agora o Itin. reformado, unicamente na  
mudança das distancias, pelo mestre Rezen-  
de, Vasconcellos e outros: Conimbrica  
Conimbrica XXXIV  
Aeminium XL  
Talabricam XL  
Confrontando nós esta alteração com o que  
mais adiante diremos a respeito do Emino,  
apparece-nos um resultado, que vae de encon-

\* Erat autem in codice Antonini numerus transpositus, et præpostere mutatus.  
REZENDE, De Ant. Lusit. T. I, p. 359

tro á opinião de S. Luiz, auxiliando a nossa; porque o *Eminio* existiu realmente, mas não em Coimbra.

Chega também o momento de apresentarmos um facto que, se fôra verdadeiro, atacaria o nosso parecer.

No 8.º Concilio Toletano, celebrado em 652 ou 53, appareceram dois bispos da Luzitania.

Um d'esses bispos assignou-se *Celidonius Colimbriësis* ou *Calabriensis episcopus*; e *Sisebert Conimbricensis episcopus*.

Esta passagem apresentada por Mariz e outros,<sup>1</sup> parece-nos falsa, mal interpretada pelo douto Rezende,<sup>2</sup> ou mal copiada d'este escriptor, por esses que a mencionam.<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Mariz — *Dialogos de Varia Historia*, p. 6.

<sup>2</sup> D. Nicolau de Sancta Maria — *Chronica de Sancta Cruz*.

A. M. Barreto Côrte-Real — *Bellezas de Coimbra*, etc.

<sup>3</sup> Rezende suppõe que Celidonio foi bispo de *Colimbriga*, além Mondego, para collocar em *Conimbrica* (a actual Coimbra) o bispo Siseberto; diz Barreto Côrte-Real, nas *Bellezas de Coimbra*.

<sup>4</sup> Mariz, Côrte-Real e D. Nicolau de Sancta Maria dizem, que Rezende falla d'esta mesma passagem, conjecturando ser *Celidonio* bispo de *Colimbriga*; d'aquella cidade destruida pelos Alanos e Suevos. O livro de André de Rezende — *De Antiquitatibus Luzitaniae*, a que provavelmente se referem estes escriptores, não falla de tal passagem: duas vezes o lemos, e só encontramos um lugar, que parece alludir á questão, no qual Rezende promete dizer cousas novas, e não sabidas, a

A passagem como a lemos em 4 cópias do citado concilio Toletano, diz : *Caliabriësis*, ou *Calabriësis*; e não *Colimbriësis*, ou *Colimbriensis*, como se lê em Côrte-Real.

Ha n'isto, portanto, uma grandissima differença, que nos dá uma ideia toda diversa.

De *Colimbriëse* facilmente se poderia fazer *Colimbricëse*: porém de *Caliabrense*, ou *Calabriëse*, o que naturalmente se pôde fazer, i. é, o que podemos entender é que, Celidônio foi bispo da *Calabria*, ou de *Caliabria*.

*Caliabria*, ou *Calabria* foi uma cidade dos Romanos, que existiu entre Almendra, Moncôrvo, Foz-côa e Barca d'Alva. Crê-se que fôra arrasada pelos Suevos ou Alanos. Ainda alli existem sôbre um monte os restos de uma gigante muralha, que naturalmente cir-

respeito de Coimbra (a). Isto, porém, lê-se a paginas 256 do segundo volume; e d'alli até ao fim não encontramos tal conjectura: de modo que, se bem entendemos as antiguidades da Luzitania, cremos falsa essa interpretação que attribuem a Rezende, Mariz (reportando-se a João Vaseu), Côrte-Real, e os mais que a trazem em seus escriptos; ou, se não falsa, e se realmente se lê 'nalguma outra obra do mesmo auctor, o que nos parece, que 'nesse caso pôde salvar Rezende, é haver elle lido realmente *Colimbriëse* em alguma cópia do 8.º Concilio de Toledo, em que algum copista menos exacto escrevesse *Colimbriëse* em lugar de *Calabriëse*.

(a) De qua urbe, deque ejus vetustate, et nomine aliquando non vulgare neque obvia nos dicturos pollicemur, si vita suppeditaverit.

194

cundou Caliabria. Suppõe-se tambem, que os bispos da Luzitania, que assistiram aos Concilios de Toledo 4.º, 6.º, 7.º e 8.º eram d'esta cidade. Um d'elles, que assistiu aos trez primeiros Concilios, assignou-se *Servusdei*, bispo *Calabriense*, ou *Caliabriêse*; e o outro *Celidonius Calabriêsis ecclesiae episcopus*.<sup>1</sup>

Mas deixando o lugar citado, supponhamos por um pouco, que Coimbra foi chamada *Eminium*, quando Condeixa a Velha era *Conimbrica*, e que, depois, por qualquer circumstancia que a historia não archivou, teve de deixar o nome *Eminium*, para tomar o de *Conimbrica*. Vejamos agora o que diz a historia.

Os antigos chamaram ao rio Mondego, *Munda*, e alguns escriptores deram o mesmo nome á que hoje é Coimbra.

Seria que *Munda* se não referisse a esta cidade, ou que em diversas épocas teria nomes differentes?

Agueda foi chamada dos antigos, *Eminium*; quer dizer, das ruinas do *Eminium* dos Romanos, foi que nasceu Agueda<sup>2</sup>; Como é, pois, que a Coimbra d'hoje foi o *Eminium* dos Romanos?

Responderemos assim: cremos que *Munda*

<sup>1</sup> Vid. *O Castello de Caliabria*, por Francisco Antonio Veiga.

<sup>2</sup> «Fuit autem Aeminium eo loci ubi hodie est oppidum dictum vulgo Agatha, seu Agueda.»

REZENDE, *De Ant. Luzit.* T. 1.º, p. 358.

designava realmente *Conimbrica*, sem com tudo ser aquelle o seu verdadeiro nome. Nas margens do Mondego não ha siquer apenas indícios, de que 'noutros tempos podesse existir 'nellas uma cidade como Coimbra, a que o poetico *Munda* dêsse o nome: logo era d'esta Coimbra que fallavam os que lhe chamaram *Munda*.

O verdadeiro nome d'esta cidade, antes da sua fundação, ou reedificação por Ataces, não é facil saber-se; porque, *Eminium*, mostra-se que não foi: e quanto á causa por que alguns escriptores lhe chamaram *Munda*, responderemos com as seguintes palavras de Bernardo de Brito Botelho: « chamava-se *Munda* por ser lavada com as aguas do seu rio *Munda*»; e mais com este sexemplos: *Lusa Athenas*, designa Coimbra, por ter em si a Universidade, em que se aprendem muitos ramos dos conhecimentos humanos. O Porto é chamado *Cidade Invicta*, porque em diferentes épocas em que foi sitiado, resistiu sempre ao esforços dos sitiantes. Ora, um sujeito qualquer, auctorizado por

“... Que Agueda existisse já no tempo em que procede a nossa historia, formada das ruinas da antiga Eminio, nada menos parece certo.” Rocha, *Portugal Renascido*.

“...Eminio está perto d'Aveiro no lugar d'onde agora chamam Aguada.”

Manuel Severim de Faria. *Not. de Portugal*.

“...Eminium. Agora Agueda.”

*D. Rodrigo da Cunha*, Catal. dos Bispos do Porto, p. 42.

estas denominações, presentemente entendidas, não fará, datando um documento que haja de passar á posteridade, com qualquer das antonomasias *Lusa Athenas* ou cidade *Invicta*, em vez de Coimbra e Porto, não fará, dizemos, um problema ou uma dúvida, ainda que de facil resolução, para os que vierem depois de nós e não souberem isto? Faz; e um problema identico foi certamente o que acabamos de resolver.

Quanto a poder Coimbra haver tido diversos nomes, é cousa que as palavras de Bernardo de Brito parecem inculcar; quer fôsse realmente *Munda*, quer tivesse um outro nome, que não conhecemos.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> É verdade que escrevendo Antonino o seu Itinerario antes de 161 da nossa era, e sendo a fundação ou reedificação d'esta Coimbra feita depois de 468, segue-se que 'nesse espaço de 307 annos, que separa 161 de 468, havia na verdade tempo para Coimbra ter tido mais do que um nome. Mas, como sabermos isto? Os que lhe chamam *Munda* não designam a época em que se lhe dava tal nome. Os nomes que unicamente lhe podemos dar são: *Eminium*, como lhe chama o Itinerario de Antonino; *Munda*, como diz a Chorografia de Carvalho, e outros livros; e por último o seu verdadeiro nome, *Conimbrica*: de modo que, não sendo o primeiro exacto, ignorando-se quando teve o segundo, e chamando-se-lhe em muitos documentos antigos, *Conimbrica*, concluimos que este deverá ter sido o seu inalteravel e verdadeiro nome: quer elle proceda de *Colimbrios*, quer de *Collis-imbrium* (outeiro de chuvas), quer de *conus* (pinha), ou mesmo de *coluber* (serpente) e da terminação celtica *briga*.

Creemos tambem que esse *Eminium*, que S. Luiz collocou em Coimbra, existiu realmente em Agueda, como atraz dissemos.

Parece-nos, pois, que sem muita difficuldade se poderiam tirar d'estes principios as conclusões: houve na Luzitania uma cidade chamada *Conimbrica*<sup>1</sup>, no logar aonde hoje é Condeixa a Velha. Houve tambem uma cidade dos Romanos chamada *Eminium*, sôbre cujos restos se fundou Agueda.

#### IV

Em 409, depois de haver nascido J. C., os barbaros do norte invadiram a Luzitania; e em 420 começou na Peninsula o dominio dos Suevos. Estes barbaros, no largo espaço de 165 annos em que dominaram a Luzitania, marcaram bem fundo com a ponta de suas espadas no livro da destruição as suas altas façanhas de conquistadores.

*Conimbrica*, a nobre filha dos povos *Colimbrios*, a que viu em seus muros tantas nações adversas em costumes, leis, crenças e lingua-gem; a que viu raiar para o mundo a civilização no magnifico e divino astro nascido em Bethlem; a que tantas vezes encontrou seu forte

<sup>1</sup> «O primeiro assento de Coimbra foi em *Colimbria*, ou *Conimbrica*»

D. Luiz Caetano de Lima, Geogr. Historica.

escudo de muralhas com as armas dos conquistadores; essa donairoza princeza da Luzitania succumbiu aos golpes obstinados e á traição<sup>1</sup> dos numerosos Suevos<sup>2</sup> em 464,<sup>3</sup> como ja tinha aberto suas portas aos Alanos, commandados pelo famoso Ataces.

Ataces, rei dos Alanos, havia destruido toda a *Conimbrica*<sup>4</sup>, mas os dispersos habitantes tinham necessidade de habitação; e foi para lh'a dar que, passando o Mondego, Ataces veiu erguer na margem direita do Mondego uma nova *Conimbrica*, para 'nella receber os espalhados habitantes da destruida cidade.

'Nesta edificação de Coimbra, trabalharam

<sup>1</sup> « Suevoi Conimbricam dolose ingressi familiam nobilem cantabri spoliando, et captivam abducunt matrem cum filiis. » *Idac. Chronicon.*

<sup>2</sup> Remismundo, rei dos Suevos, a destruiu completamente em 464 « *Colimbriam pacem deceptam,* » etc., diz a chronica dos Ostrogodos. »

Simão J. da Luz Soriano, *Revelações de minha vida.*

<sup>3</sup> Em 468 diz o Chronicon de Idacio; e, pelo que se lê no tomo XXIII da *Hespanha Sagrada*, este chronicon goza de bons créditos.

<sup>4</sup> « A fundação da nova Coimbra se attribue d'alli a algum tempo a Ataces, Rei dos Alanos, o qual declarando a guerra a Hermenerico, Rei dos Suevos, em cuja demarcação entrava a antiga Colimbriga, e picado da resistencia, que achou 'nesta cidade, a mandou despovoar inteiramente, e para recolher aquelles moradores, edificou nas margens do Mondego a nova povoação, que hoje tem o nome de Coimbra. » *L. Caetano de Lima, Geogr. Hist.*

até mesmo os proprios ministros do altar! Tal era o feroz despotismo do celebre Ataces.

« Passando pela nova Coimbra, diz o bispo do Porto, Arisberto, ao Arcebispo de Braga Samerico, vimos 'nella muitos ministros do Senhor, trabalhando por mandado d'Ataces no edificio da nova fortaleza, que edificou sôbre o Mondego, destruida já a primeira povoação. Ahi estava o servo de Deus Elipando, bispo da mesma cidade, e o sacerdote Estenio, com muitos que serviam nas mesmas obras: chorei com elles a commum afflicção e o direito dos Imperadores perdido já na Lusitania. »

Por isto vemos que a nova Coimbra estava em poder dos Alanos; mas é certo tambem que, sendo arrasada por Ataces, foi posteriormente destruida pelo barbaro Remismundo, rei dos Suevos.

Esta destruição de *Conimbrica*, feita pelos Suevos, leva-nos a crêr que o moribundo povo Romano ainda a reedificou toda ou em parte: ou, se não foram os Romanos, foram certamente

« 1. « Transeuntes Conimbriam novam, vidimus ibi multos Dei ministros laborantes, jussu Atacis, in constructione murorum novae arcis, quam ipse supra mundam facit (devastata jam prima populatione): ibi erat servus Dei Elipandus Episcopus et Essenus presbyter et multi alii servientes in operibus: flevi cum illis comparem afflictionem et ablatum in Lusitania jus imperatorum. »  
D. Rodrigo da Cunha, *Catal. dos Bispos do Porto*, p. 44.

os proprios destruidores, talvez para se aproveitarem do sitio, que, em verdade, offercia vantagens por ser um ponto mui defensavel.

Nada mais nos diz a historia. Entremos agora na descripção d'esses preciosos restos da antiguidade, d'esses tempos de cruel e lamentavel barbarismo.

## V

A famosa Conimbrica dos Romanos, estava situada ao sul do Mondego, sôbre um monte de pequena altura, proxima ao logar a que hoje chamam *Condeixa a Velha*.

Para o sul, o monte sôbre que assentam as ruinas venerandas de Conimbrica, é cortado quasi a prumo, offerecendo 'numa ingreme descida um terrivel precipicio. Em baixo corre no inverno uma grande ribeira, que na fôrça do estio diminue bastante, se não chega a seccar totalmente.

Esta parte das ruinas revella ainda hoje ao viandante a grandeza respeitavel das fortalezas romanas. Acabando 'num angulo agudo, os fortes muros d'esta parte da cidade são, pela sua solidez de construcção e grossura, a admiração das modernas gerações.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> « As muralhas que cingem o recinto de Condeixa a Velha, (em parte com 20 palmos de largo!) são ainda tão fortes, que disputam duração a uns poucos de seculos vindouros.» Ant. L. S. H. Sêcco — *Mem. Hist. Chorogr.*

Dentro d'estes muros pôde a agricultura metter mãos; e, por entre os restos das habitações romanas, tijolos, telhas e desmoronadas paredes, rebentam ao sol do inverno verdes searas de cevada e trigo, a que dá sombra em partes um grande numero d'oliveiras.

Para o norte, o que resta das muralhas abrange maior extensão. Aqui se levanta uma porção do aqueducto, que conduzia para a cidade as aguas de *Alcabedeque* pelo espaço de uma legoa. Além, em meio de uma terra cultivada ergue-se um velho cunhal de fortaleza. Além mais, um pedaço de muralha, que ainda não cedeu ao destruidor alvião, que ainda não quiz deixar o posto que lhe haviam confiado os heroicos dominadores do mundo — parece sentinella perdida, a quem abandonou a esperança d'encontrar os seus!

Assim, por essa extensão de norte, vêem-se e admiram-se muitas d'estas mudas testemunhas d'esses tempos que passaram!

A entrada para a parte sul da cidade, era por sôbre um arco, que ainda lá se vê intacto! — Mais abaixo ainda existem dois arcos segurissimos, sôbre que se construíram casas; sendo por isso custoso dar com elles, o que não conhecer aquelles sitios.

Mas, nem uma inscripção! nem um signal intelligivel d'essa passada grandeza!

Ha pouco alli fomos e só podêmos vêr parte de uma inscripção latina 'num pedaço de pe-

198

dra desprezada! Ainda lemos: C. IULIO, e nada mais!

Seria Caio Julio Cezar, o sugeito de quem fallava o letreiro? Ninguem o póde dizer; os seculos são mudos, e a historia calla-se!...

Mas, archivaria ella comtudo algumas noticias a respeito de seus habitantes, a respeito de sua grandeza, de sua destruição? Algumas noticias encontramos nos livros; mas escassas, mas incompletas!

Pedro de Mariz nos seus *Dialogos de varia historia*, diz, fallando d'ella: «... aonde ainda hoje estão muitos signaes e mostras de nobreza e antiguidade: como são arcos de pedraria bem lavrada, pilares e alicerces bem fundados, e muitos letreiros de diversas lingoas, signal certo de ter tambem diversos senhores».

Infelizmente, esses letreiros, de que falla Mariz, já não existem. Mariz escreveu nos fins de 1500, e, se no seu tempo existiam essas inscrições em diversas lingoas, hoje nem uma existe!

Sabemos sim, que 'nessa continua lucta de mais de 774 annos, entre Conimbrica e os invasores, ella teve necessariamente diversos senhores, e, d'elles o mais poderoso e civilizado foi certamente o Romano, e aquelle em cujo poder esteve por mais tempo.

Bernardo de Brito Botelho na sua *Historia breve de Coimbra*, tambem falla de sua grandeza: .... e bem o justificam ainda seus for-

tíssimos muros e vestígios de castellos, que defendiam os canos d'agoa, que vinham de Alcabedeqe.»

Em muitos escriptores antigos e modernos achamos referencias áquella cidade; porém os seus dizeres são os mesmos: era grande, era forte, era nobre; e eis aqui tudo!

Encontramos apenas em Gaspar Barreiros, e em Coelho Gasco, a cópia de uma inscripção romana, achada na ponte da *Atadoa*, proximo a Condeixa, tirada, dizem elles, d'entre muitas que viram na referida ponte.

A inscripção, segundo Gaspar Barreiros, diz assim: D. M.

VALERIO AVITO

VALERIO MARINI

FIL. A. XXX.

VALLERIA FUSCILLA

MATER, FIL,

CARISSIMO ET PIENTISSIMO,

ET OBSEQUENTISSIMO

P.

SCRIBI IN TITULO VERSICULOS VOLO QUINQUE DECENTER. VALERIUS AVITUS, HOC SCRIPSI, CONIMBRIGA NATUS, MORS SUBITO ERIPUIT.

VIXI TERDENOS ANNOS SINE CRIMINE VITAE.

VIVITE VECTURI.

MONEO, MORS OMNIBUS INSTAT.

Em portuguez:

Em nome dos Deuses Manes. Eu Valeria Fuscilla levanto este monumento ao meu muito

amado, piedoso e obediente filho Valerio Avito, filho de Valerio Marino, que a morte me roubou na idade de trinta annos.

Quero que estes cinco versos sejam convenientemente gravados como epitaphio na sua sepultura.

Eu Valerio Avito, o escrevi, — nasci em Coimbra, — a morte subitamente me arrebatou. — Trinta annos vivi sem mancha em toda a minha vida. — Vós os que por aqui passardes vivei. — Lembrai-vos porém, que a morte é partilha de todos.

Agora temos de fallar das muitas medalhas romanas, que alli se encontram actualmente. São de cobre pela maior parte, e de pequenas dimensões. Apparecem tão deterioradas e comidas pelo tempo, que difficilimo se torna por isso a sua leitura.

Devemos a um cavalheiro, que habita na Atadoa<sup>1</sup> a posse de duas medalhas romanas, nas quaes se lê ainda: no anverso de uma, DIVO, CARO, PIO; e no reverso: CONSECRATIO.

<sup>1</sup> O ill.<sup>mo</sup> sr. Wenceslau Martins de Carvalho, que teve a bondade de nos dar algumas moedas romanas, arabes, e portuguezas, o qual nos deu varios esclarecimentos e nos mostrou um precioso achado por elle feito em suas terras. Consiste elle em mais de 5:000 tijolos romanos, com um decimetro de comprimento cada um, 25 millimetros de altura, e 5 centimetros de largura. Pela limpeza e perfeita côr do barro mostram não haver ainda servido. Appareceram em monte, quando se abria uma cova em uma propriedade d'este sr.

Esta palavra lê-se em volta de uma aguia que tem por baixo 11 (?), e Divo, CARO, Pto, em volta de um busto de guerreiro, coberto com um capacete.

A outra medalha é do imperador Constantino. De um lado tem a cabeça de um homem, enfeitada com dois fios de perolas (?), e, em volta a légenda : CONSTANTINUS AUGUSTUS; e do outro tem uma como fortaleza, em orla da qual se lê: VIRTUS AUGUSTISSIMUS (?): no exergo d'esta fortaleza parece ler-se, Constantino, por abreviatura CONST.: crescem, porém, trez letras a que não podemos dar traducção alguma, crendo comtudo que qualquer numismata as decifrará facilmente; são dois SS e um F.

Além de muitas medalhas romanas, encontram-se tambem outras arabes; e por isto nos lembra ainda, que, talvez a cidade, em parte reedificada, chegasse até ao dominio dos Arabes ou Mouros, começado em 714; e, que até mesmo fôsse occupada pelos sectarios de Mohammed.

As medalhas com caracteres arabigos são prova d'esta asserção; e tambem o factô de chamarem os habitantes de Condeixa a Velha, *Almedina*, ás ruinas da cidade; porque, *Almedina*, significa cidade, na lingua Arabica.<sup>4</sup>

Agora quanto á mudança de Conimbrica para áquem do Mondego, pouco mais temos

<sup>4</sup> Fr. João de Sousa. — *Vestig. da ling. Arabica em Portugal.*

que dizer, guardando para outro artigo a historia antiga da nova Coimbra.

Depois da mudança, Conimbrica, começa de ser a famosa rainha do Mondego, sob o sceptro de monarchas Mouros, e a arrazada cidade lá vae, pouco a pouco, dando ao esquecimento o seu viver e o seu nome.

O tempo corre e o glorioso anno de 1064 assoma para a Luzitania brilhante de esplendor e liberdade!

Fernando Magno, rei de Castella, Aragão, e mais tarde de Portugal, vem derribar do throno de Coimbra o seu último rei Mouro, Cide Arabum Arabe, e Coimbra christã começa então o seu reinado auspicioso com o governo do nobre conde D. Sesnando.

Desde esta época, a historia de Coimbra é mais sabida; conhecem-se-lhe os Bispos, podem-se-lhe contar os governadores até ao começo da nossa monarchia, e sabem-se finalmente os principaes acontecimentos que 'nella se deram.

Quanto á Coimbra d'hoje, isto é, á sua antiga historia, pouco se pode dizer; porque apesar de a darmos fundada por Ataces, creêm alguns escriptores que anteriormente já alli existia uma cidade, ou povoação importante, que fôra fundada por Hercules. Pela nossa parte duvidamos de tão grande antiguidade, porque os auctores que lh'a dão não se fundam para isso em documento algum; dizem: foi fundada por Hercules, e nada mais!

Mas, apresentaremos ainda assim o que deu origem á crença do vulgo.

Na entrada para o Castello de Coimbra lia-se outr'ora: *Quinaria Turris, Herculea fundata manu*. Á vista d'esta letrá attribuiam a Hercules a fundação não só da torre, senão também a da cidade; porque até aos formosos campos de Coimbra, chamaram os antigos *Herculeos*.

Encontramos ainda em João Pedro Ribeiro, no sabio investigador de preciosidades historicas, esta inscripção da *Quinaria*, precedida d'estas palavras:

« A inscripção da *Quinaria* acha-se ha muito tempo defeituosa, e no estado actual se lhe divisa em letras parte Onciaes, ou Gothicas, e parte Romanas iniciaes, ou majusculas com algumas letras conjunctas, em sete regras o seguinte :

✠ Era MCCXXX. Regnante apud Portugale Rege Sancio incliti Regis Alf...

Et Regine Mahalde filio et illustris comitis Henrici et nobilissime Tar....

Regine nepote ipso jubente constructas est hec turris anno Reg...

sus et uxoris ejus Regine Dulcie tercio de ...

A captione vero civitateis per Reg....

nandum ex Sarracenis centesimo trieessi....

Presidente tunc in predicta civitate Episcopo Domno Pet...<sup>4</sup>»

<sup>1</sup> J. P. Ribeiro. *Dissert. Chron. e Crit.* T. 1, p. 27.

Em portuguez diz :

No anno de 1230, reinando em Portugal o Rei Sancho, filho do famoso Rei D. Affonso Henriques e da rainha D. Mafalda, neto do illustre conde D. Henrique, e da muito nobre Rainha D. Thereza, foi levantado este monumento por seu proprio mando, no terceiro anno do seu reinado e de sua esposa D. Dulce, cento e trinta annos depois que a cidade foi tomada aos Sarracenos, em tempo que á referida cidade presidia o Bispo D. Pedro. —

Em meio de tão desencontradas opiniões, fizemos quanto em nossas fôrças cabia. 'Nestes cahos de incertezas determinámos alguma coisa: ¿mas seriamos verdadeiros 'nesta determinação? Decidam-no os eruditos, e façam elles o mais que não podémos fazer.

FIM.

